

Veto reduz opções para perda de peso

Proibição da venda de emagrecedores proposta pela Anvisa pode aumentar busca por cirurgias de redução de estômago, dizem médicos

Fernanda Bassette
ESPECIAL PARA O ESTADO

A proposta da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de proibir a comercialização dos medicamentos usados no tratamento da obesidade trouxe à tona um debate complexo, que envolve indústria farmacêutica, médicos, pacientes e governo.

De um lado, endocrinologistas defendem a medicação e di-

zem que, sem ela, muitos ficarão “órfãos” e vão procurar formas clandestinas de tratamento ou optar pela cirurgia de redução de estômago – medida considerada drástica e de última escolha.

De outro lado, técnicos da Anvisa fizeram uma extensa revisão de estudos clínicos envolvendo todas as drogas em questão (femproporex, dietilpropiona, mazindol e sibutramina) e afirmam que os dados da literatura

apontam que os benefícios da perda de peso proporcionada por esses medicamentos não superam os riscos.

Além disso, a agência alega que essas drogas foram banidas da União Europeia e dos Estados Unidos – argumento questionado pelos médicos, que afirmam que os EUA possuem dietilpropiona e fentermina (outro medicamento com mecanismo de ação parecido).

● **Um País acima do peso**
13%
é o percentual de pessoas obesas no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde

43,3%
da população brasileira tem sobrepeso

A questão será debatida em uma audiência pública, convocada pela Anvisa para ocorrer nesta quarta-feira. A agência vai reservar 40 minutos para expor seus argumentos sobre segurança e eficácia dessas drogas e dará a oportunidade para um membro da Associação Médica Brasileira (AMB) expor o posicionamento da classe médica.

Após o debate, a expectativa da agência é publicar uma resolu-

ção definitiva sobre o tema até o final do mês de março.

A proibição desses medicamentos é praticamente certa. Aos pacientes, restarão duas opções: emagrecer com reeducação alimentar e exercícios físicos ou se submeter à cirurgia.

O **Estado** conversou com duas ex-obesas mórbidas. Com histórias de vida parecidas, as duas seguiram caminhos diferentes para emagrecer. Leia abaixo.

Redução do estômago

EPITACIO PESSOA/AE



Recuperação. Gabriela Zornitta optou pela bariátrica

CIRURGIA COMO ÚLTIMA CARTADA

Dona de casa não conseguia fazer exercícios nem regime, então seguiu os passos da amiga

A dona de casa Gabriela Ibrahim Zornitta, de 27 anos, sempre foi uma criança acima do peso e fez dieta durante a adolescência. Passou por vários médicos, fez tratamento em clínicas de estética e tomou vários tipos de remédios – tentou até antidepressivos. Chegou a fazer terapia com o objetivo de tentar emagrecer.

Perdia alguns quilinhos, alcançava o peso ideal, mas sempre voltava a engordar quando interrompia o uso da medicação. Ela diz que seus esforços para tentar emagrecer nunca deram resultado. Por isso, optou pela cirurgia de redução de estômago. Operada

há pouco mais de 20 dias, Gabriela já perdeu 8 quilos.

Gabriela lembra que a primeira consulta a um endocrinologista ocorreu em companhia da avó, quando ela tinha 16 anos. “Naquela época, eu estava uns 15 quilos mais gorda. Eu era muito cobrada pela minha família por causa disso”, conta.

Foi orientada a tomar uma medicação, conseguiu emagrecer, chegou a se matricular em uma academia, mas não conseguiu levar o projeto para a frente. “Não adianta, eu não gosto de fazer academia. Eu até tentei, mas sempre interrompia depois de quatro, cinco meses.”

Ela explica que sua obesidade era resultado de metabolismo

lento e propensão a engordar. Reconhece, entretanto, que não consegue abrir mão de um doce depois do almoço.

“Minha alimentação sempre foi boa, não tenho colesterol alto, não como fritura. O problema é que eu como muito fora de casa. Meu maior pecado é a sobremesa. Não consigo almoçar sem comer sobremesa”, diz.

A opção cirúrgica. Entre idas e vindas, dietas e exercícios, médicos e nutricionistas, Gabriela passou os últimos dois anos sem conseguir perder nenhum quilo. Nem com ajuda de remédios. Sofria com os efeitos colaterais e decidiu que não tomaria mais nenhuma droga.

Acordava todos os dias e pensava: “Hoje eu começo uma dieta”. Mas não conseguia levar o plano adiante. Em novembro, quando se pesou, levou um susto. “Fiz o cálculo do índice de massa corporal (IMC) e falei para mim mesma: ‘Estou doente.’”

Naquele dia, Gabriela percebeu que não dava mais para ignorar o problema da obesidade. E decidiu seguir os passos de uma amiga, também obesa, que optou pela cirurgia bariátrica. “Ela fez faz mais de um ano, sobreviveu, está bem. Não tive dúvidas e falei: ‘Eu sou a próxima.’”

No começo, o marido de Gabriela foi contra a cirurgia. Mas ela não desistiu e o convenceu a acompanhá-la nas consultas médicas. Os dois passaram por sessões de terapia antes de a cirurgia acontecer – aquela era uma decisão muito séria.

Gabriela procurou um cirurgião, fez uma série de exames e pensou em desistir. Diz que as pessoas a procuravam para contar “desgraças” sobre a operação. Mas ela não desistiu.

Realizada com o sucesso da cirurgia, Gabriela está em processo de recuperação e tem consciência das dificuldades. “Não tenho fome, mas tenho vontade. Comida tem cheiro. Estou dolorida, inchada, enjoada, durmo mal, só posso comer papinhas, mas sei que isso é só uma fase, vai passar”, diz.

Para chegar ao peso ideal, ela tem de perder 42 quilos. “Pode demorar, mas eu tenho certeza de que vai dar certo. Estou feliz, tranquila e aliviada.” /F.B.

Reeducação alimentar

ARQUIVO PESSOAL



Esforço. Gabriela Castellá planejou seu emagrecimento

BLOG REGISTRA EMAGRECIMENTO

Por iniciativa própria, historiadora associou dieta e exercícios e perdeu 61 quilos em 1 ano e 4 meses

Foi na sala de espera de um consultório médico que a historiadora Gabriela Castellá, de 29 anos, decidiu mudar de vida. O ano era 2008 e, naquela época, ela pesava 121 quilos – quase o dobro do peso normal para a sua altura. Com determinação e força de vontade, sem ajuda de medicamentos, ela perdeu 61 quilos. E está magra até hoje.

Gabriela conta que aguardava a mãe sair de uma consulta quando se lembrou de uma amiga que havia ficado parálitica depois de levar dois tiros. Pensou: “Estou com quase 30 anos, gorda, sem namorado. Minha amiga não sonhou estar em uma cadeira de rodas, não podia mudar o futuro

dela. Mas eu podia mudar o meu. Estar gorda era opção minha. E naquele dia resolvi mudar.”

Obesa mórbida aos 27 anos, Gabriela conta que sempre esteve acima do peso e tentou emagrecer com todos os tipos de dieta e remédios. Apesar dos esforços, o efeito sanfona (engorda e emagrece) era praticamente regra em sua vida. “Fiz dieta da Lua, da sopa, fiquei sem comer, tomei todos os tipos de remédio que existem, mas nada deu certo. Emagrecia alguns quilos e, quando ficava sem remédio, voltava a engordar.”

Gabriela atingiu o auge da obesidade quando entrou na faculdade, em 2003. Ganhou mais de 30 quilos, passou a usar manequim

56 e se trancou em seu próprio mundo: não cortava o cabelo, só usava saias compridas e organizava as baladas sozinha, em seu quarto. Ficou dias sem tomar banho, usando a mesma roupa.

“Fiquei quatro anos sem beijar na boca e sem colocar os pés para fora de casa. Tinha medo de sair na rua e ficar entalada na catraca do ônibus. Isso já tinha acontecido antes e foi muito constrangedor.”

Em compensação, era a melhor aluna da sala. “Tinha de me destacar de alguma maneira, então me afundei nos estudos. Passava a madrugada comendo e estudando”, conta. Na festa de formatura, Gabriela conta que usou uma calça leggings debaixo do vestido. “Era para não ficar assada.”

A reviravolta. Quando a faculdade terminou, Gabriela diz que “deu uma surtada” – eram os estudos que mantinham sua cabeça ocupada.

Foi nessa época que veio o estalo de mudar de vida. Se debruçou no computador e fez da internet sua aliada. Pesquisou tudo sobre reeducação alimentar e traçou um plano de emagrecimento, de maneira a não passar fome. Criou um blog (emagrecendoeu.blogspot.com) no qual registrou cada conquista. Associou dieta com exercícios físicos. Tudo sozinha.

Quinze dias depois do início do regime, Gabriela tinha perdido 7 quilos – não dava para perceber o resultado só de olhar, mas ela chorou. Em um mês, perdeu 10. Em quatro meses, 30 quilos. Em um ano e quatro meses, ela atingiu a meta e perdeu 61 quilos.

E Gabriela não parou por aí. Magra, arrumou um namorado, com quem está até hoje. Fez cirurgia plástica para reduzir o tamanho dos seios e para tirar os quase três quilos de pele em excesso na barriga. “Não há exercício físico que faça essa pele com estria voltar ao lugar.”

Desde que emagreceu, ela ganhou uns quilinhos a mais, mas consegue controlar com alimentação saudável. “Estou completamente feliz.” /F.B.